

Brizola prega em Paris calote da dívida externa

Paris — “A América Latina deve deixar de pagar os juros da dívida externa, pois já pagou demais”, opinou o presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, em discurso na inauguração da reunião do Conselho da Internacional Socialista, que começou ontem e termina hoje, em Orly, ao sul de Paris.

Ao comparar os juros cobrados pelos bancos internacionais, Brizola causou impacto no público, no qual figuravam os primeiros-ministros da Noruega, Broharmen; e da Suécia, Ingvar Carlsson; o ex-chanceler alemão ocidental, Willy Brandt; o líder trabalhista britânico, Neil Kinnock; e o ex-chefe do governo italiano Bettino Craxi.

“Em 1984 e 1985, o Brasil pagou US\$ 25 bilhões de juros, o que equivale a 25% do Produto Interno Bruto e de 25% de sua poupança interna”, denunciou o candidato do PDT à Presidência da República.

Lembrando que o Brasil deve mais de US\$ 120 bilhões, o ex-governador do Rio admitiu o pagamento do principal da dívida, desde que em prazos razoáveis.

“Na verdade, os países do Terceiro Mundo não estão pedindo caridade. Temos que recordar que os juros cobrados jamais existiram em tempo algum da humanidade, nem para as chamadas dívidas de guerra”, sustentou Brizola, que também é um dos vice-presidentes da Internacional Socialista.

Audácia

Os 200 participantes da reunião — sociais-democratas e trabalhistas de 81 partidos que representam 120 milhões de eleitores de cerca de 30 países, em particular

da América Latina e da Europa Ocidental — consideraram a proposta do principal líder do PDT a mais audaciosa de um dirigente político latino-americano, desde que o presidente e cubano, Fidel Castro, defendeu o não pagamento dos juros e do principal da dívida.

A reunião foi aberta com um discurso do primeiro-ministro francês, Michel Rocard, do Partido Socialista, que fixou a tônica do congresso: a análise dos problemas econômicos dos países em desenvolvimento. Ele acentuou a preocupação dos governos socialistas dos países industrializados quanto ao perigo que passa o processo democrático do Terceiro Mundo, por causa dos problemas sócio-econômicos.

“Vocês sabem que hoje é necessário seis vezes mais de trigo, de amendoim ou de cacau para comprar um trator do que há 25 anos — afirmou o primeiro-ministro, denunciando o que considera “assassinato” do Terceiro Mundo.

Rocard insistiu ainda que a primeira prioridade para o Terceiro Mundo é a estabilidade dos preços das matérias-primas e considerou que as elevadas taxas de juros em vigor no mercado mundial têm por objetivo “bloquear o financiamento do futuro e, em consequência, do crescimento”.

O conselho da IS, a mais alta instância da organização depois do congresso anual de cada três anos, deve adotar uma série de resoluções, além das referentes à economia mundial, como o papel da mulher na política, a questão da África Austral, as relações Leste-Oeste, a situação do Oriente Médio e a crise da América Latina.